

O CHAFARIZ DE S. DOMINGOS: VENTURAS E DESVENTURAS DE UMA OBRA DE ARTE COMUNITÁRIA

JOSÉ FERRÃO AFONSO

CITAR - EA, UCP – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes;
Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa

RESUMO

O chafariz de S. Domingos, uma obra de arte de influência italiana, foi construído em 1544, numa praça “nova” junto ao convento da ordem do mesmo nome. Ao longo dos séculos seguintes, o seu destino acompanhará as diferentes fases de desenvolvimento urbano da cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Chafariz de S. Domingos; Porto; Cidade; Água; Obra de Arte.

ABSTRACT

The fountain of S. Domingos, a work of art of Italian influence, was built in 1544, in a “new” square, next to the convent of the order of the same name. Throughout the following centuries, its destiny will follow the different phases of urban development of the city.

KEYWORDS

Domingos Fountain; Porto; Town; Water; Work of Art.

INTRODUÇÃO

Se é verdade que o desenvolvimento urbano europeu do início da Baixa Idade Média se baseara na água – de rios, fontes ou fossos – e nas tecnologias a ela associadas, o tipo de indústrias então desenvolvido, sobretudo a têxtil, não só era pouco poluente como contribuía para o rejuvenescimento dos cursos de água, o que irá ter influência na evolução demográfica. Com efeito, a Europa conhece um máximo demográfico no fim do século XIII que apenas será ultrapassado no início do século XIX. Isso ficou a dever-se, em boa parte, ao aumento de esperança de vida resultante dos cuidados com a higienização urbana e, particularmente da pureza das águas. A partir do século XIV, contudo, a situação altera-se; a própria demografia e novas indústrias, mais poluidoras, contribuem, entre outras razões para, as modificações sofridas pelo meio ecológico urbano da Baixa Idade Média [GUILLERME, 1983: 9].

Será, contudo, nos finais da Idade Média que ocorre na Europa uma progressiva monumentalização das fontes, símbolos da cidade e do seu desenvolvimento urbanístico (Figura 1). Em França, Jean Pierre Leguay regista três tipos principais: as fontes cobertas, sob abóbadas de canhão ou, por vezes, debaixo de um baldaquino de pedra; as fontes isoladas, que compreendem um ou mais tanques circulares, quadrados ou octogonais, com uma coluna central rematada por pináculos flamejantes e os “conjuntos monumentais complexos”, em que bacias circulares, trilobadas, poligonais ou em forma de concha se sobrepõem ao longo de uma pirâmide central, e dispõem de bicas para deixar escorrer a água [LEGUAY, 2002: 207-208]. Em Itália, bem mais próxima da herança clássica, a monumentalização foi mais prematura, sendo a água um dos temas principais da política urbana das comunas [BALESTRACCI, 1992]. Um dos tipos mais comuns é o chafariz de taças: um tanque hexagonal ou circular de onde se ergue um eixo central com uma

ou mais taças que se dispõem verticalmente ao longo dele e de onde escorre a água para o recipiente da base. Inspirada em originais romanos, essa morfologia é recuperada numa fonte monumental, a *fontana maggiore* de Perugia (Figura 2). O chafariz, executado entre 1275 e 1278 por Giovanni e Nicolo Pisano, possuía dois grandes tanques concêntricos como base, esculpidos com uma série de figuras de complexa iconografia, incluindo um grupo relacionado com a origem mitológica da cidade, que a afirmavam como uma “segunda Roma”. Era, por isso, uma declaração de identidade cívica, mas, igualmente da existência de um espaço urbano centralizado e racionalizado (DEAN, 2000:55). A fonte de taças sobrepostas, de onde escorre a água em constante regeneração, associa-se à Árvore da Vida, (Portocarrero, 2010: 72) e tem uma iconografia rica, presente nas representações dos “jardins de paraíso” no gótico internacional (GOUÉDO-THOMAS, 1992). Já no Renascimento, a tipologia do chafariz de taças da Antiguidade foi divulgada nos grotescos, pela gravura impressa ou, ainda, pela pintura (Figura 3). Neste texto, procurou-se traçar, através de uma investigação centrada na relação próxima com os grandes planos de renovação e expansão do Porto, o destino de um desses chafarizes de taças e da sua resiliência na paisagem urbana até à actualidade.

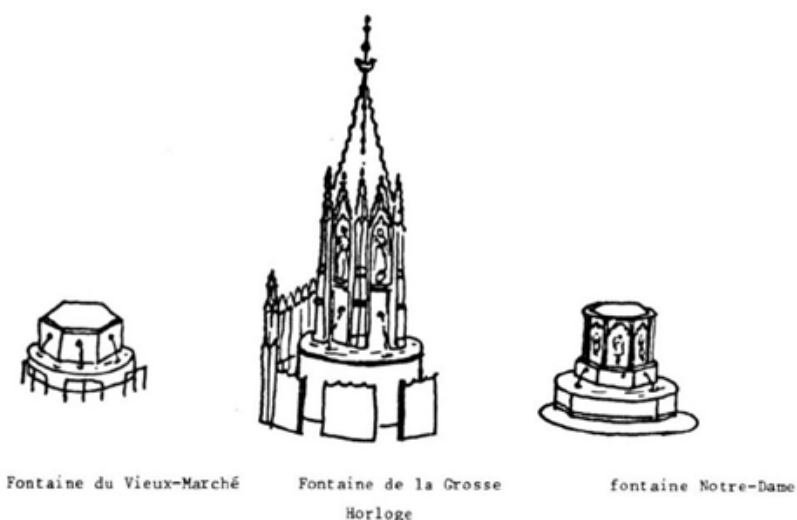


Figura 1 – Fontes dos finais da Idade Média (Fonte: LEGUAY, 2002).



Figura 2 – Fontana Maggiore de Perugia.



Figura 3 – Pinturicchio - Susana e os Velhos (1493-1495).

A ÁGUA NO PORTO DOS FINAIS DA IDADE MÉDIA

377

O Porto não seria exceção ao panorama geral traçado na introdução e o primeiro chafariz, ou fonte pública, de que há notícia, foi o da Sé. Situado sob o alpendre da catedral, o seu aqueduto é mencionado em 1278 e provinha da Póvoa de Cima, atual Praça Velasquez (AFONSO, 2013: 203) (Figura 4). Essa data, por conseguinte, é bem mais recuada do que a de 9 de Julho de 1392 quando, em sessão de vereação, se discute a falta de higiene no uso de chafarizes e fontes da cidade, com a conseqüente contaminação da água (AMORIM e PINTO, 2001:32). Essa localização e os seus destinatários não são casuais; a água foi, na Idade Média, um dos elementos conotados com as relações feudais do poder, sendo apanágio de uma elite, e o senhorio episcopal será responsável pelo seu fornecimento até 1316. A partir de então, e dados os acontecimentos políticos relacionados com a afirmação da Coroa e do emergente poder concelhio, dá-se uma passagem de testemunho: o abastecimento de água potável passa a ser uma função coletiva da cidade e o Concelho assume a manutenção das fontes e chafarizes, considerados nos finais da Idade Média, juntamente com os rios, calçadas, muros, barreiras, rossios, ruas e estradas, propriedades do direito real que podiam ser utilizados por todos.

A água era colhida, a maior parte das vezes, à superfície, nos designados “bolhões” e para o seu transporte era aproveitado o declive natural das encostas. Assim, ao logo do século XV uma série de fontes e chafarizes públicos são nomeados, a maior parte deles localizado no vale do rio da Vila¹. Muitas situam-se em vielas, debaixo de arcos, lugares esconsos e, para além de se saber que algumas delas, como a da rua Nova, ostentavam as armas reais (MARÇAL: 1968:301), desconhecem-se os possíveis cuidados estéticos de que fossem objeto por parte das Vereações.

¹ Fonte da Cividade, Fonte do Souto, Fonte dos Ferreiros junto da rua da Bainharia, Chafariz de S. Domingos ou da Biquinha (não confundir com o que se erguia no largo de S. Domingos: situado na margem norte do rio da Vila, na rua com o mesmo nome, este chafariz já existia em 1403 e, em 1450 foi intervencionado); Chafariz da Rua Nova, também designado das Congostas (existia já em 1405 [91], chafariz da Fonte Taurina. Um pouco mais distantes, mas ainda no vale, Chafariz da Lada, as Fontes do Touro e da Rata o Chafariz dos Banhos.



- | | | | | |
|------------------------|-------------------------------|------------------------|-----------------------|---------------------------|
| ① Chafariz da Sé | ② Fonte dos Canos da Cividade | ③ Fonte do Souto | ④ Fonte dos Ferreiros | ⑤ Chafariz de S. Domingos |
| ⑥ Chafariz da Rua Nova | ⑦ Chafariz da Lada | ⑧ Fonte da Rata | ⑨ Chafariz dos Banhos | |
| Ⓐ Cano da Sé | Ⓑ Cano de Santa Clara | Ⓒ Cano De S. Francisco | Ⓓ Cano de S. Domingos | |

O Porto no início do século XVI – Água

Figura 4 – A água no Porto [Séculos XII - XIV], [Fonte: AFONSO: 2000].

O abastecimento de água dos cidadãos portuenses era feito, não apenas nas fontes públicas, mas igualmente nos numerosos poços abertos nos omnipresentes “enxidos”, ou quintais das habitações. Existiram, porém, outras instituições na cidade, para além da Sé, que tiveram acesso a água canalizada: os conventos. Quando, em 1234 e 1238 respetivamente, Franciscanos e Dominicanos se instalaram no Porto, no vale do rio da Vila e fora da antiga muralha românica, houve a preocupação de ambos terem um eficaz abastecimento de água. A água de S. Domingos foi originária de duas fontes doadas em 1245 ao convento pelo bispo D. Pedro Salvadores, situadas no local onde, mais tarde, se vai edificar o antigo mosteiro de S. Bento da Ave-maria: a fonte da Samaritana, na horta do convento, e outra no local onde se construirá a igreja das freiras. Uma terceira fonte seria doada em 1384 por Domingos Soares. Chamava-se fonte da Calva e situava-se na atual rua 31 de Janeiro (AFONSO, 2000; 33-34) (Figura 4). A água seguia para um convento por um cano que se cruzava com o rio da Vila, que se misturava com ela e, em 1363, os Dominicanos protestaram junto do rei pela sujidade e estragos que nela faziam “os sapateiros dos pelames do Souto (BAQUERO-MORENO, 1985:59-60). O desenvolvimento urbano do vale do rio da Vila, de que há notícia a partir dos finais do século XIII e o incremento da indústria dos couros, justificada por uma Idade Média que em boa parte substitui, a partir de Trezentos, o aço das armaduras pela courama e pela progressiva adoção deste no vestuário, esteve na origem dessa degradação.

A ÁGUA DO CHAFARIZ

A água de S. Domingos era, em princípio, privada, destinando-se, à utilização do convento. Contudo, o fornecimento ao público de uma parte dela pode-se depreender por uma carta de D. João III, datada de 28 de

Fevereiro de 1545, onde se afirma a existência de uma fonte junto do convento (AFONSO, 2001:38-40). É bem possível que, dada a cronologia da carta, essa fonte se tenha situado na designada viela de S. Domingos, junto ao alpendre do convento, por onde corria também o aqueduto do convento de S. Francisco (AFONSO, 2000: 34). Na carta, o monarca menciona a substituição da fonte por um novo chafariz; este é o de S. Domingos, que desde 1544 o Concelho erguia frente ao convento, no largo do mesmo nome, sendo o seu mestre João Lopes-o-Velho (REIS, 1986:154). A água para ele seria fornecida pelos dominicanos e, anteriormente, os frades tinham pedido ao monarca que fizesse as obras necessárias nas fontes situadas no mosteiro de S. Bento da Ave-maria (1530), que então se construía, e fossem renovados os canos sobre os quais tinham sido erguidas as casas da rua das Flores, aberta em 1521, permitindo a boa chegada da água ao mosteiro. Depois dessas obras terem sido financiadas e executadas (AFONSO, 2000: 97) os Dominicanos verificaram que a canalização renovada não chegava ao lavatório do convento, por essa razão alagando frequentemente os alpendres. Pedem, portanto, em 1544, ao monarca, que concedesse uma quantia da Imposição do Sal para a obra desse troço de cano, visto que o chafariz que então o Concelho construía era alimentado pela água do convento (OSSWALD e AMORIM, 1982: 132).

Os Dominicanos, contudo, impuseram condições ao fornecimento de água para o público: o chafariz deveria ser “para sempre” designado Chafariz de S. Domingos e exibir as armas da Ordem; o Concelho seria responsável pela reparação dos canos que conduziam a água para ele e se o convento, por qualquer razão, necessitasse no futuro da água que dispensava para o chafariz, ela não poderia ser recusada (AFONSO, 2000: 98).

O chafariz de S. Domingos foi, por conseguinte, uma obra justificada pelo “bem comum”, noção de origem aristotélica retomada pelos tomistas do século XIII (KEYS, 2006) e cimento do governo urbano comunitário em toda a Europa a partir dessa época, mas também pelo mais tardio “enobrecimento”, palavra frequentemente utilizada na burocracia camarária portuense desde o início do século XV e que corresponde à sua progressiva aristocratização, acompanhada por uma acentuação dos valores estéticos e de monumentalização.

379

O CHAFARIZ DE TAÇAS

No Porto, o primeiro exemplar de chafariz de taças surge no claustro de S. Bento da Ave-maria. Data de 1528 e está atualmente colocado no jardim dos SMAS, na rua Barão de Nova Sintra (Figura 5). O seu executante terá sido igualmente João-Lopes-o-Velho, então à frente das obras do mosteiro. Provavelmente nascido em 1480 nos Arcos de Valdevez, João Lopes permanecerá o herdeiro e representante do sistema construtivo gótico, sendo o continuador do modo “ao moderno”, com influências do hispano-flamengo, mas mais ancorado na tradição nortenha e galega do que o dos Castilho. Tinha aprendido a sua arte em contacto com biscainhos e galegos, incluindo a ornamentação “ao romano”, em modelos como o *codex escurialensis*, que terá chegado a Espanha antes de 1509. O chafariz evidencia um bom entendimento da ordem jónica e dos seus motivos ornamentais: os frisos de óvulos, por exemplo, o balaústre superior ou o correto fuste canelado que sustenta a primeira das duas taças. A inferior tem bicas em forma de máscaras de *putti* alados e o remate forma uma pinha de onde emergem mascarões. Deve ter sido dos primeiros em Portugal a adotar a morfologia clássica e está longe do ambiente tardo-gótico das obras de Lopes.

É muito provável possível que o classicismo jónico do chafariz de S. Bento da Ave-maria, tratado de uma forma bojuda que se pode identificar com as propostas dos arquitetos italianos do início do século XVI, se deva atribuir a Francisco de Cremona, o *muratore* italiano que o bispo de Viseu D. Miguel da Silva trouxera consigo de Itália em 1525 e então dirigia a obra do farol de S. Miguel-o-Anjo na Foz do Douro. João Lopes, aliás, colaborou com Cremona noutras ocasiões: em 1538, por exemplo, indica-se que foi coautor da traça do Paço do Concelho de Vila do Conde, sendo então morador em Azurara (SOUZA, 2013:79). O paço, se exhibe pormenores ornamentais e atavismos próprios da arquitetura nortenha da época, resulta de um projeto cuja matriz é, indubitavelmente, italiana, devendo ser atribuído a Francisco de Cremona.

No Porto, João Lopes executou ainda uma série de obras, hoje desaparecidas, para a Mitra portuense e projetou, por exemplo, o chafariz ameado e de espaldar da Sé, no largo de São João no interior da porta de Vandoma e o seu aqueduto, por cuja manutenção foi nomeado responsável vitalício. Na prática, e embora nunca seja assim designado na documentação, esse cargo correspondeu ao de mestre das obras episcopais e exerceu-o até 1556, data da sua morte. Dirigiu ainda uma série de trabalhos no interior da Sé, erigindo um baldaquino com balaústres na capela-mor, e orientou intervenções no claustro, que incluíram a renovação das capelas e a construção de um segundo chafariz.



Figura 5 – Chafariz do claustro do mosteiro de S. Bento da Ave-maria (1528).



Figura 6 – Chafariz de S. Domingos (1544).

380 Não admira, portanto, que a Câmara tivesse recorrido a ele para erguer o chafariz de São Domingos (Figura 6). Atualmente na praça da Trindade é, como o de S. Bento da Ave-Maria, um chafariz com taças circulares, embora apenas em parte conserve os elementos originais: o tanque, a taça superior e os balaústres não aparentam ser já os quinhentistas, o que condiz com afirmação de Sousa Reis relativa à sua modificação quando foi trasladado da sua localização inicial em 1845 (REIS, 1984: 184). Porém, quer a base quadrangular com apainelados, no centro dos quais se esculpem páteras, idênticas às que Cremona colocou no claustro da Sé de Viseu (1528) e, também, semelhantes aos que exhibe a porta travessa da igreja da vizinha Misericórdia, denotam a pureza do desenho italiano. Este é ainda acentuado pela taça, com um friso de dentículos jónicos e uma inscrição latina gravada no bordo, hoje apenas parcialmente legível, de que sobressaem as palavras *COMMVNI REIP VSV DICATVM*, alusivas à utilização comunitária da fonte (Figura 7).



Figura 7 – Chafariz de S. Domingos – Pormenor da inscrição.

Cremona, na sua obra portuguesa, evidencia dois conceitos estéticos: um mais associado a um abstracionismo figurativo, patente no claustro da Sé de Viseu, o segundo, mais seco e estrutural, patente no programa da Foz. Os dois chafarizes adaptam-se, pois, a essas duas visões e o facto de ter colaborado com a vereação alguns anos antes quando, juntamente com Diogo de Castilho, foi chamado a pronunciar-se sobre a obra a executar na torre camarária, apenas reforça a possibilidade da sua autoria. João Lopes, por sua vez, adaptará o modo italiano ao gosto local. Alguns anos depois, os vereadores da vila de Viana da Foz do Lima vieram-no buscar propositadamente ao Porto e contrataram-no, em 1553, para a concretização do seu chafariz. No seu entender, ele era o melhor oficial da cidade do Porto e o que mais percebia, não só de chafarizes, mas também dos complexos sistemas de condução de água que os abasteciam. A fonte de Viana, porém, já é devedora de um ornamentalismo ainda tardo-gótico, importado através do tratado de Sagredo (1526).

O CHAFARIZ NA CIDADE

A forte presença urbana do chafariz, erguido, numa “praça nova” e a sua circularidade, tornam-no um elemento organizador do espaço urbano sem precedentes no Porto. Por isso, e dado ter sido desenhado por Cremona, a sua inspiração formal e de centralidade urbana pode estar na fonte de taças que Bramante terá erguido, transformando uma anterior, na Praça de S. Pedro em Roma no ano de 1501 (BRUSCHI, 2010: 104-105). Igualmente com duas taças, associou-se à *renovatio urbis* empreendida por Alexandre VI (1492-1503) com a abertura da Via Alexandrina, entre o Castelo de Sant’ Angelo e a praça de S. Pedro, entre o *castrum* e o *palatium*, quando da celebração do Jubileu de 1500. Tudo indica que existiu uma ligação profissional próxima entre Cremona e o autor do *tempietto*, não só por ter trabalhado em obras a que Bramante esteve associado, como S. Pedro do Vaticano e a *villa* romana da Magliana, mas igualmente pelas semelhanças formais, entre por exemplo a planimetria do farol de S. Miguel-o-Anjo e as plantas compósitas de Bramante, ou o desenho do espaço interior desse monumento e outras obras bramantescas como o ninfeu de Genazzano. A colocação do chafariz numa praça “nova”, elemento determinante na articulação entre a rede viária intramuros e o exterior norte teria, desse modo, um precedente próximo na cidade papal. Simultaneamente, a inscrição latina dedicada a D. Manuel I, o Divo *Emmanuele*, mandante da rua das Flores que conduzia a S. Domingos, exposta na Porta Nova de Carros erguida em 1526 (AFONSO, 2000: 84), que se assume como um arco triunfal, reforça o simbolismo áulico da via e a sua proximidade à romana Via Alexandrina. No conjunto da rua das Flores, a ciência “nómada”, base da cidade medieval, dá lugar ao gesto real e à ciência de Estado (GAUDIN, 1984:140).

381

OS PLANOS

A mesma ideia de “instauração do trajeto”, inaugurada na Roma do início do século XVI, que esteve na base da abertura da rua das Flores, terá paralelo na forma de condução da água. Em 1597, Filipe I de Portugal ordenou que o seu transporte para a cidade se fizesse por uma conduta única, com origem no manancial de Paranhos e chegada ao interior da Porta do Olival. O desenvolvimento da cidade para poente, mas igualmente a antiguidade dos canos que conduziam a água ao longo do vale do rio da Vila e os constantes problemas e despesas com reparações causados por essa localização urbana poderão ter contribuído para essa decisão do Estado. Nos finais de 1603, a obra do aqueduto de Paranhos foi arrematada por Gonçalo Vaz, Gaspar Gonçalves, Manuel Gonçalves, Pantaleão Brás e António João (SILVA, 1988: 927). O aqueduto concluía-se no chafariz do Olival, de onde a água era distribuída para o chafariz de S. Domingos e daí para a rua Nova, por um aqueduto que foi arrematado pelos mesmos pedreiros em 29 de Outubro de 1605. O contrato dessa conduta incluía alterações aos chafarizes de S. Domingos e da rua Nova e, do primeiro, foram retiradas as armas dominicanas (RUÃO, 1996: 241-242). Por essa razão, o Concelho ficou isento de pagar, como até então tinha feito, as obras do antigo aqueduto dominicano, que provinha de S. Bento da Ave-maria; a última vez que isso aconteceu foi em 19 de Abril de 1606. Na verdade, se o chafariz de S. Domingos passou a ser alimentado pela água do aqueduto de Paranhos não havia razões para os dominicanos continuarem a ter qualquer direito sobre ele.

A Câmara, contudo, não cumpriu sempre as suas obrigações de fornecimento de água à cidade: em 1738 tinha vendido, por “descuido dolo e omissão”, a água do aqueduto de Paranhos a particulares, que tinha deixado de chegar ao chafariz; também porque na recentemente rasgada Praça Nova, fora da muralha, se tinham aberto muitos poços, as vertentes do chafariz da Natividade, que para aí corriam, tinham secado². A pressão urbana exercida sobre as antigas condutas continuava, portanto, a ser determinante para a operacionalidade do chafariz. Aliás, nos finais do século, as informações documentais sugerem um semiabandono da fonte, como se pode depreender pela menção feita, em 1764, a um pagamento ao mestre dos aquedutos Manuel António Pinto, “de levantar o chafariz” (FERREIRA-ALVES, 1988: II, 330).

Serão, contudo, as transformações empreendidas na zona a partir dos finais do século XVIII e da ação urbanística dos Almada que acabarão por ditar a retirada do chafariz da praça. Em 1763, por carta de 21 de Fevereiro, a Câmara Municipal queixava-se ao rei da “vendagem do peixe e outros géneros comestíveis que se actualmente se vendem e amontoão no pequeno largo de S. Domingos”. No mesmo ano, o Senado propõe a abertura de uma nova praça, em Santo Elói, para onde deslocar a venda de peixe e outros produtos que diariamente se efetuava no largo (FERREIRA-ALVES; 1988: I, 178). Essas disposições podem-se enquadrar numa série de intervenções que tiveram em vista a regularização do largo e da rua das Flores, bem como a melhoria do acesso à recém-aberta rua de S. João. No seu seguimento, uma praça nova de S. Domingos, com forma triangular, viria a ser desenhada em 1774 pelo cônsul inglês John Whitehead, embora do projeto só viesse a ser executado o alargamento da passagem para a rua de S. João, junto da capela de S. Crispim (FERREIRA-ALVES; I:212-213).

Para Annie Gunther, o projeto incompleto de S. Domingos – e, também, o abandono da ideia de rasgar duas novas ruas que teriam transformado o largo de Santo Elói num importante nó viário intramuros – terão significado a renúncia definitiva, por parte das Obras Públicas, aos planos de reestruturação da rede viária no interior da muralha (NONELL, 2002: 258). De facto, as várias hipóteses para a zona estavam ainda em cima da mesa em 1835, mas viriam a ser abandonadas (Figura 8). Delas, porém, resultou um equívoco, já que a função de corredor de tráfego que foi assinalada a S. Domingos pela rigidez iluminista levaria à retirada do chafariz. Nenhum dos projectos avançou, mas o que foi feito favoreceu uma “canalização do olhar”: um eixo perspético nascente-poente, desenhado pela nova rua entre S. Domingos e a rua de S. João. Em 1846, um chafariz de espaldar monumental, abrigado sob um arco profundo, nas traseiras do local onde se localizara o designado “murinho” de S. Domingos e um passo da Paixão, foi construída. Até 1850, essa fonte estaria concluída (FONTES, 1908:35), expondo-se à alargada rua que subia desde o extremo da rua de S. João: até 1922, manteve-se onde esteve, até há poucos anos, a papelaria Araújo e Sobrinho (VELASQUES, 2011:88).

A EXPANSÃO: OS LARANJAIS E A TRINDADE

O chafariz de S. Domingos, substituído pela nova fonte, seria retirado da sua implantação original em 1845, vindo a ser colocado numa outra “praça nova”, rasgada numa zona de expansão urbana: a Praça dos Laranjais, projeto das Obras Públicas almadinas demarcado em 1770 (FERREIRA-ALVES, 1988: II, 340). Contudo, o levantamento do bairro dos Laranjais era anterior: tinha sido feito por Francisco Xavier do Rego em 1761 (FERREIRA-ALVES, 1988:I 228) (Figura 9). Em 1835, projetou-se para a Praça do Laranjal uma fonte de espaldar; inaugurada em 1844, viria a ser retirada e o antigo chafariz dominicano foi colocado na nova praça em 1854 (BAHIA, 1908: 12). Permaneceu nesse local, alimentado pela água proveniente do manancial de Camões, até ao início da segunda década do século XX (Figura 10).

² Arquivo Histórico Municipal do Porto, *Livro 33 de Próprias*, 1738, Agosto 25, fl. 25-28.

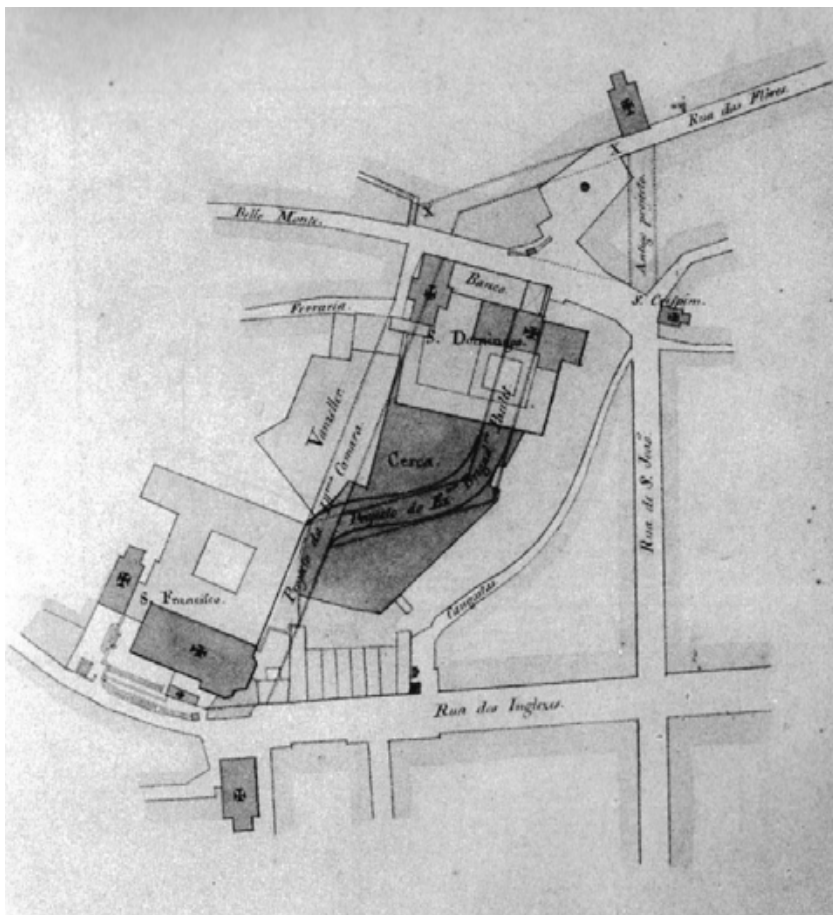


Figura 8 – Projetos para a zona de S. Domingos, desenho de Joaquim da Costa Lima Sampaio, 1835 [AHMP, Col/A/ (1 - 2) im].



Figura 9 – Plano de Xavier do Rego para os Laranjais [1761] [AHMP D - CDT/A4 - 162] 1835 [AHMP, Col/A/ (1 - 2) im].

A razão da sua retirada prendeu-se com a implementação do plano encomendado ao inglês Barry Parker (1915), depois transformado por Marques da Silva, para a avenida dos Aliados, que previa a construção, nesse local, de um novo edifício camarário, iniciado em 1920, mas apenas definitivamente concluído em 1957 (Figura 11). O chafariz foi, por isso, de novo trasladado e depositado no jardim dos Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento da rua Barão de Nova Sintra.

O espaço entre a Igreja da Trindade e as traseiras do novo edifício camarário viria a ser abrangido pelo plano Auzelle, implementado em 1962. O arquiteto e urbanista francês, discípulo de Corbusier e seguidor da Carta de Atenas, mas também devedor de outros nomes da escola de urbanismo gaulês como Marcel Poète, Pierre Lavedan, Gaston Bardet e Jacques Gréber (JUNCAL, 2002: 62) fez incidir as suas intervenções sobretudo nas zonas intersticiais da cidade, sendo a Praça da Trindade uma delas. Ela foi um núcleo importante no eixo estruturante norte-sul traçado por Auzelle e integrando a Ponte D. Luís, a Av. dos Aliados e a rua de Camões. Doravante zona de passagem, adquiriu uma placa central pedonal com calçada de desenhos poligonais irregulares, em que se inseriu um tanque, com forma elíptica, de onde emergiam duas esculturas modernistas abstractas (Figura 12).

Em 1972, porém, o tanque e as suas esculturas, consideradas “inestéticas”, foram desmantelados por razões de “bom senso”. Para os substituir, recorreu-se ao velho chafariz de S. Domingos³ e, em 31 de Agosto desse ano, já se trabalhava na sua reconstrução⁴ (Figura 13). Para tentar compreender a mudança, valerá a pena recorrer a um exemplo antigo, o da *polis* grega. Os limites desta, e a justificação da sua expansão, necessitavam de ser assinalados por monumentos localmente conotados, cuja venerabilidade se construía através das “idades heróicas” do passado (POLIGNAC, 1984: 140).

³ O Primeiro de Janeiro, 4 de Agosto de 1972.

⁴ O Comércio do Porto, 31 de Agosto de 1972.



Figura 13 – Projecto para o chafariz de S. Domingos na Praça da Trindade (AHMP, DSUO - L - R - 128 - 002).

CONCLUSÃO

Desenhado no século XVI por um italiano, Francisco de Cremona, o chafariz de S. Domingos atravessou várias épocas e sobreviveu a vários ciclos urbanísticos, embora, ao longo desses períodos, se tenha deslocado da sua implantação original. É, pois, uma obra de arte, não apenas no sentido estético, mas igualmente celebrativo/monumental; esse conceito, porém implica um outro, o de pertença a uma comunidade que originalmente o ergueu e nele celebra uma ideia de pertença tão antiga como a da própria cidade ocidental.

385

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, José Ferrão. *A Imagem tem que saltar. Um estudo de história urbana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2013.
- AFONSO, José Ferrão. *A rua das Flores no século XVI. Elementos para a história urbana do Porto Quinhentista*. Porto: FAUP, 2000.
- AMORIM, Alexandre Agra e PINTO, João Neves. *Porto d'Água. O abastecimento de água à cidade através dos tempos*. Porto: Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento, 2001.
- BAHIA JUNIOR, J. *Contribuição para a Hygiene do Porto. Analyse sanitária do seu abastecimento em agua potável. II*. Porto: Fevereiro de 1809.
- BALLESTRACCI, Duccio. La politica della acque urbane nell'Italia comunale. In: *Mélanges de l'École Française de Rome. Moyen Age*, Anné 1992, vol. 104, n° 2, p. 431-479. [Consulta:01.02.2017] http://www.persee.fr/doc/mefr_1123-9883_1992_num_104_2_3252
- BAQUERO-MORENO, Humberto. O Fornecimento de água ao convento de S. Domingos do Porto nos séculos XIV e XV. In: *Boletim do Arquivo Distrital do Porto*, vol. II, Porto, 1985, p. 57-70.
- BRUSCHI, Arnaldo. *Bramante*. Economica Laterza, 2010.
- DEAN, Trevor. *The towns of Italy in the later Middle Ages*, Manchester: Manchester University Press/New York: Room 400, 2000.
- FONTES, Adriano. *Contribuição para a Hygiene do Porto. Analise Sanitária do seu abastecimento em agua potável I*. Porto: Maio de 1908.
- GAUDIN, Henri. *La cabane et le labyrinte*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1985.
- GUILLERME, André. *Les Temps de l'eau. La cité, l'eau et ses techniques*. Seyssel, Editions Champ Vallon, 1983.

- GOUÉDO-THOMAS, Catherine. Les Fontaines Médiévales: Images et réalité. In: *Mélanges de L'École Française de Rome. Moyen âge*. Anné 1992, vol. 104, n° 2, p 507-517. [Consulta:01.02.2017] http://www.persee.fr/doc/mefr_1123-9883_1992_num_104_2_3255
- JUNCAL, Manuela. Robert Auzelle e o urbanismo francês dos meados do século XX no “Plano Director da Cidade do Porto” de 1962. In: *Cadernos curso de doutoramento em Geografia FLUP/2012*, p. 61-74. [Consulta:01.02.2017] <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9962.pdf>
- KEYS, Mary M. *Aquinas, Aristotle and the promise of the common good*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LEGUAY, Jean Pierre. *L'eau dans la ville au Moyen Age*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2002.
- MARÇAL, Horácio. O abastecimento de água à cidade do Porto e à vila de Matosinhos. Parte I. In: *O Tripeiro*, Série V, Ano VIII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1968, p. 301-310.
- NONELL, Annie Gunther. *Porto, 1763-1852. A construção da cidade entre despotismo e liberalismo*. Porto: FAUP Publicações, 2002.
- O COMÉRCIO do Porto. 31 de Agosto de 1972.
- O PRIMEIRO de Janeiro. 4 de Agosto de 1972.
- OSSWALD, Maria Helena e AMORIM, Maria Inês. A água do convento de S. Francisco do Porto: organização, conflitos e decisões régias. In: *Boletim do Arquivo Distrital do Porto*, vol. I, 1982, p. 5-32.
- POLIGNAC, François de. *Cults, territory and the origins of the Greek city-state*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.
- REIS, António Matos. Lopes. Uma família de artistas em Portugal e na Galiza. Separata da *Revista de Guimarães*, vol. 96 [1985].
- REIS, Henrique Duarte e Sousa. *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, vol. I, 1984.
- SILVA, Francisco Ribeiro da. *O Porto e o seu termo (1580-1640): Os homens as instituições e o poder*. Porto: Arquivo Histórico/Câmara Municipal do Porto, 1988. 2 volumes, Vol. II.
- SOUSA, E. S. M. *Vila do Conde no início da Época Moderna. Construção de uma nova centralidade*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2013).
- VELASQUES, Gabriel Pedro. *Memórias d'Água – Fontes, fontanários, chafarizes*. Matosinhos: Contemporânea, 2001.